



Saberes localizados e a construção dos conhecimentos agroecológicos *Localized knowledge and the construction of agroecological knowledge*

GRASSI, Pedro H.¹

¹ Programa EICOS - UFRJ, grassi.pedroh@gmail.com

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: Construção do Conhecimento Agroecológico

Resumo: A agroecologia valoriza os saberes desenvolvidos localmente, reconhecendo a importância dos conhecimentos tradicionais e camponeses para o seu desenvolvimento. Utilizamos neste texto do conceito de "saberes localizados" para questionar a hegemonia da visão científica tradicional e destacar a importância de considerar as relações entre os agricultores e o território na construção do conhecimento agroecológico. Afirma-se uma igualdade no desenvolvimento dos conhecimentos agroecológicos entre a produção científica e dos atores agrícolas, entre outros fora do eixo acadêmico. Propõem-se que construir o campo de estudos agroecológicos dentro do território pode se tornar uma importante ferramenta de aproximação da agroecologia para com aqueles que resistem à possibilidade desta.

Palavras-chave: conhecimento situado; interações agroecológicas; território.

Introdução

A agroecologia é um campo em construção, uma construção coletiva e que abrange uma multiplicidade de áreas e saberes. Muitos desses saberes estão se desenvolvendo a partir de um fazer ciência. No entanto, mesmo que se produza um conhecimento científico, não devemos pensar que a ciência é quem deterá o monopólio de uma verdade sobre a agroecologia. Mesmo com todas suas ferramentas e técnicas, é no território que a agroecologia atua, sendo assim necessário considerar, tão importante quanto a ciência (e às vezes até mais), os saberes que se produzem no território e pelos atores agroecológicos. São os saberes de povos tradicionais, os que cultivam a terra desde tempos longínquos, mas também daqueles que criam uma intimidade com o território onde habitam, atentos às relações que ali acontecem.

Entendemos esses como "saberes localizados", perspectiva que trazemos de Donna Haraway (1995), que a partir do feminismo, lança mão desse conceito para construir uma crítica ao modo como o conhecimento foi produzido e universalizado: sob a concepção do homem, branco, europeu do século XVIII. A partir desse conceito, a autora questiona o modelo de ciência majoritário, que, para ela, busca uma separação entre sujeito-objeto e se diz descorporizada, neutra, universal, objetiva.

Seguindo esse caminho traçado por Haraway, buscamos com esse artigo afirmar a importância que o conhecimento desenvolvido localmente tem para o desenvolvimento dos saberes da agroecologia. Não pretendemos negar o conhecimento da ciência, mas apontar que antes dessa ciência chegar com suas



ferramentas e técnicas, o conhecimento já é produzido localmente a partir da relação entre o sujeito e o objeto, ou melhor, a partir das relações naturezicultura. Assim entendemos a agroecologia, se propondo com e a partir dos conhecimentos tradicionais e localizados.

Metodologia

Buscamos construir um ensaio teórico a partir da interlocução de diversos autores sobre a agroecologia unindo a perspectiva das autoras Donna Haraway e Ana Godoy. Haraway (1995) nos apresenta uma relação entre o conhecimento e o território e Godoy (2008) nos traz a ferramenta para compreendermos como a vida constrói ecologias. Sobre a perspectiva de Godoy construímos uma transposição para pensar as agroecologias que a vida inventa, uma agroecologia menor (referência a ecologia menor).

A escolha do ensaio teórico é feita pois esse método compõe com nossa forma de pensar. É um método que pressupõe que a realidade pode ser compreendida de maneiras outras que a imposta pela pesquisa científica tradicional. O ensaio teórico possibilita a costura de conceitos e autores numa reflexão que se alimenta a cada nova descoberta e assim permite que as perguntas da pesquisa orientem a investigação teórica. (MENEGHETTI, 2011)

Resultados e Discussão

A agroecologia é definida por Toledo (2019) como um “instrumento político, científico, tecnológico, intercultural e social fundamental, que afronta as crises ecológicas e sociais do mundo contemporâneo e que aspira alcançar uma modernidade pós-industrial e alternativa” (p.165, tradução nossa).

Dominique Gohur e Nívia Regina da Silva (2021) apresentam que as bases da agroecologia são os conhecimentos dos povos originários e camponeses. Estes foram, segundos os autores, os primeiros agricultores, criadores e pesquisadores que:

[...] ao longo de gerações, identificaram, domesticaram, selecionaram e conservaram as espécies úteis aos seres humanos; que desenvolveram ferramentas, formas de trabalho e técnicas de produção adaptadas às mais diferentes situações; que configuraram agroecossistemas e sistemas de produção, em um processo de coevolução com as condições naturais locais e, a partir de sua imbricação e continuidade com a natureza, constituíram as mais antigas cosmovisões. (GUHUR e SILVA, 2021, p. 60)

Contudo, em uma nota de rodapé, Gohur e Silva (2021) alertam que mesmo reconhecendo o protagonismo histórico fundamental dos camponeses e povos originários, não reflete que toda agricultura camponesa tradicional seja agroecológica, nem no presente e nem no passado. Essa afirmação se baseia no conhecimento de que muitas sociedades e civilizações entraram em declínio, algumas chegando ao colapso, devido a práticas ecológicas depredatórias. Já no



caso brasileiro, os autores apontam que a “modernização da agricultura” exerceu pressão dos sujeitos para a adoção de práticas de depredação, que segue ainda mais brutal na atualidade com o agronegócio. Assim, entendemos com Charbonnier (2022) que:

Não se trata de uma glorificação romântica de técnicas agrícolas do passado nem de uma oposição simplista entre o mundo do engenheiro agrônomo e aquele do camponês “de sempre”, mas de uma resposta ao dilema modernista entre produtividade, estabilidade das estruturas sociais e sustentabilidade ambiental. (p. 304, tradução nossa)

É, então, sem negar os conhecimentos dos engenheiros agrônomos que Toledo (2019) expõe a agroecologia como uma disciplina híbrida, combinante dos conhecimentos produzidos tanto pelas ciências naturais como das sociais e que oferece soluções aos problemas ambientais e de produção de alimentos causados pela agricultura industrial, que adota um enfoque multidisciplinar na linha da ciência pós-normal. Busca não ser apenas um conhecimento aplicado, mas um exemplo de investigação participativa.

Toledo (2019) destaca ainda que existem três dimensões da agroecologia identificadas por especialistas, são elas: a investigação científica ecológica e agrícola, as práticas agrícolas empíricas e a necessidade de desenvolver uma aproximação com e para os movimentos sociais rurais. Dessa forma, mesmo que o conhecimento seja produzido de maneira generalista, ele só se torna efetivo quando se compõe aos saberes localizados.

Em sentido correlato, Godoy (2008) propõe seguir os caminhos da ecologia menor, que é capaz de abrir espaços de vida, tal como uma viagem de exploração, ao mesmo tempo que se afasta da ideia de uma ecologia verdadeira colada a um território verdadeiro. Desta mesma forma podemos pensar o desenvolvimento do conhecimento sobre a agroecologia se afastando de um ideal, de uma verdade científica maior, e incorporando os saberes que se fazem na terra e a partir da terra.

Desta forma que Haraway (1995) propõe os saberes localizados, produzidos no território e pelo território, podendo ou não ser incorporado ou incorporar os saberes de outros espaços, o que, se for feito, acontecerá sem hierarquia, sem um saber maior que o outro. São os saberes da terra, das relações sociais que se produzem, entre humanos e destes com os não-humanos que são privilegiados.

Entende-se aqui que a agroecologia não tem um lugar específico de desenvolvimento de si própria como conhecimento, não se enraíza em formas institucionalizadas. Os autores e atores da agroecologia se encontram tanto no território da ciência, das pesquisas, das produções científicas, como nos territórios rurais, quilombolas, indígenas, dentre tantos outros territórios de povos tradicionais, sendo os habitantes desses territórios os praticantes e autores de conhecimentos acerca da agroecologia e utilizando esta como “ferramenta para reclamar e defender



seus territórios e recursos naturais, seus estilos de vida e patrimônio biocultural” (TOLEDO, 2019, p. 163, tradução nossa)

Podemos assim dizer que agroecologia faz rizomas, ou melhor, seu funcionamento é rizomático, no sentido que dão ao rizoma Deleuze e Guattari (2011), que tem como alguns princípios a conexão e heterogeneidade, a multiplicidade e o fato de que quando há ruptura em qualquer de seus pontos ele não é eliminado, mas se abre a múltiplos caminhos a partir dessa interrupção. São diferentes práticas que se encontram, se ligam em diversos lugares, em diversos pontos, criando uma multiplicidade de formas e aplicações. Ela depende do seu território, da paisagem que é empregada, uma paisagem multiespécies, como nos fala Tsing (2019), habitadas por diferentes seres, humanos e não-humanos que incluem animais, vegetais, minerais etc. Nesse sentido compomos com Charbonnier (2022) para quem a agroecologia, “sob um plano técnico, privilegia a policultura contra a uniformização dos agroecossistemas” permitindo “agrossistemas diversificados onde a cultura do grão coabita com a das frutas e legumes” (p. 304, tradução nossa), contribuindo para a manutenção do habitat, dos recursos d’água, para a soberania alimentar, desenvolvimento rural local, etc.

Na América Latina a prática agroecológica coloca a investigação científica e tecnológica fortemente ligada aos movimentos rurais sociais e políticos. Esta é uma tendência que está em expansão sem precedentes em muitos países da região, praticada por milhares de famílias camponesas sendo resultado dos movimentos sociais e das políticas públicas dos países (TOLEDO, 2019).

Desta forma podemos falar da agroecologia como um modelo de agricultura e de um movimento agroecológico, que busca soluções para questões socioambientais, onde o “mundo agrícola se torna um lugar da experimentação que permitem observar e compreender as mudanças das normas sociais em curso” (CHARBONNIER, 2022, p. 301, tradução nossa).

Produzem, assim, outros modos de viver e de habitar o território diferente do modelo hegemônico. Para camponeses, povos tradicionais e originários, cientistas, pesquisadores, entre outros que formam o movimento agroecológico, a agroecologia é o comum da luta para permanecer contra a retirada de suas terras, da expulsão, da exploração, extrativismo e mercantilização dos bens comuns, da restrição do acesso à terra, à água, às sementes, etc.

Completamos com Charbonnier (2022) que afirma que a “agricultura é um dos domínios no qual as mutações éticas e práticas em relação à natureza são por sua vez as mais imperativas e as mais visíveis” (p. 300, tradução nossa). Neste sentido compreendemos a importância do movimento agroecológico como um paradigma ético-político, que tem como função a proposição de criação ética e da recriação da política, estendendo a uma pluralidade de áreas, campos e práticas.



Conclusões

A agroecologia múltipla e plural se constrói a partir da afirmação dos saberes que são produzidos nas relações sociais, sendo o social a interação dos humanos com os não humanos. É, nesse sentido, a vida que inventa a agroecologia, sendo ao mesmo tempo agente produtora de territórios e produzida pelos e nos territórios. A multiplicidades de formas de se fazer agroecologia a torna sempre possível.

Acreditamos que essa perspectiva possa combater o paradigma incorporado por pequenos agricultores convencionais onde frequentemente ouvia a afirmação sobre a agroecologia ser muito difícil, que não funciona etc. Entendemos que quando o saber vem de cima, como algo a ser aplicado, pode aparentar uma dificuldade que compete diretamente com a facilidade dos usos de agroquímicos. Deixamos como desejo de se investigar uma alternativa de proposta que se utilize do conhecimento que é produzido a partir das especificidades do território para inspirar novos produtores a realizarem a transição das suas agriculturas para o viés agroecológico.

Referências bibliográficas

CHARBONNIER, Pierre. **Culture écologique**. Paris: Presses de Sciences Po, 2022.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. São Paulo: Editora 34, v. 1, 2011.

GODOY, Ana. **A menor das Ecologias**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

GUHUR, Dominique; SILVA, Nívia R. D. Agroecologia. In: DIAS, Alexandre P., et al. **Dicionário de Agroecologia e Educação**. São Paulo e Rio de Janeiro: Expressão Popular e Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2021. p. 59-73.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos pagu**, n. 5, p. 7-41, 1995.

MENEGHETTI, Francis K. O que é um ensaio-teórico? **RAC-Revista de Administração Contemporânea**, v. 15, n. n. 2, 2011.

TOLEDO, Victor M. Agroecología. In: KOTHARI, A., et al. **Pluriverso: un diccionario del posdesarrollo**. Barcelona: Icaria, 2019. p. 163-166.

TSING, Anna L. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no antropoceno**. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.